

Coro e Orquestra Gulbenkian

**Hannu Lintu
Louise Alder
Nicholas Phan
Robert Gleadow**



13 + 14 fev 25

13 fev 25 QUINTA 20:00

14 fev 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Louise Alder Soprano

Nicholas Phan Tenor

Robert Gleadow Baixo-Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Joseph Haydn

A Criação, Hob.XXI:2

PRIMEIRA PARTE

Introdução: *A Representação do Caos*

Ária (Uriel): *Perante os raios sagrados*

Recitativo (Rafael): *E Deus criou o firmamento*

Coro e Soprano (Gabriel): *Com espanto, os anjos do céu*

Recitativo (Rafael): *E Deus disse: Que as águas abaixo do céu*

Ária (Rafael): *Rolando em vagas espumosas*

Recitativo (Gabriel): *E Deus disse: Que da terra brote erva*

Ária (Gabriel): *A verde frescura dos campos*

Recitativo (Uriel): *E os anjos do céu anunciam o terceiro dia*

Coro: *Acordem a harpa, acordem a lira!*

Recitativo (Uriel): *E Deus disse: Que haja luzes no firmamento*

Recitativo (Uriel): *Com grande esplendor*

Coro e Solistas: *Exaltam os céus a glória de Deus*

INTERVALO

SEGUNDA PARTE

Recitativo (Gabriel): *E Deus disse: Que as águas produzam*

Ária (Gabriel): *Com penas poderosas, a altiva águia*

Recitativo (Rafael): *E Deus criou grandes baleias*

Terceto (Gabriel, Uriel, Rafael): *Surgem as mais belas colinas*

Coro e Solistas: *O Senhor é grande no seu poder*

Recitativo (Rafael): *E Deus disse: que a terra produza*

Recitativo (Rafael): *Abre-se prontamente o ventre fértil*

Ária (Rafael): *Brilha agora o céu em todo o seu esplendor*

Recitativo (Uriel): *E Deus criou o homem à sua imagem*

Ária (Uriel): *Vestido com o valor e a honra*

Recitativo (Rafael): *E Deus viu todas as coisas que fizera*

Coro e Solistas: *A grande obra está concluída*

TERCEIRA PARTE

Recitativo (Uriel): *Surge, entre róseas nuvens*

Coro e Dueto (Adão e Eva): *Da sua bondade, ó Senhor Deus*

Recitativo (Adão e Eva): *O nosso dever foi cumprido*

Dueto (Adão e Eva): *Graciosa esposa!*

Recitativo (Uriel): *Ó par feliz*

Coro e Solistas: *Que todas as vozes cantem ao Senhor!*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 10 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Joseph Haydn

(Rohrau, 1732 – Viena, 1809)

A Criação, Hob.XXI:2

—

COMPOSIÇÃO 1796-1798

ESTREIA Viena, 19 de março de 1799

DURAÇÃO c. 1h 50 min.

Em 1790 morria o príncipe Nikolaus Esterházy (1714-1790), a quem Joseph Haydn, à época considerado o melhor compositor da Europa, servia como *Kapellmeister*, desde 1766, cabendo-lhe a gestão de um importante número de músicos. O sucessor, Anton Esterházy (1738-1794), apesar de manter Haydn no cargo, dispensou grande parte dos efetivos musicais ao serviço da família. Libertos dos seus afazeres quotidianos, foi possível ao compositor viajar até Londres, a convite do violinista e empresário Johann Peter Salomon (1745-1815), aí promovendo uma série de concertos, entre 1791 e 1792. Foi neste contexto que Haydn assistiu ao Festival Händel, na Abadia de Westminster, tendo ficado profundamente impressionado com a interpretação das oratórias *Israel no Egito* e *Messias*. Em 1794, quando regressou a Londres para uma nova série de concertos, Salomon presenteou-o com um libreto supostamente escrito para Händel, intitulado *The Creation of the World (A Criação do Mundo)*. O desafio para Haydn escrever uma oratória estava lançado.

Não se julgue que o género era desconhecido do compositor. Em 1775, escrevera *O Retorno de Tobias*, uma oratória em 2 partes, estreada

em Viena a 2 de abril desse ano, num concerto de beneficência da Tonkünstler-Societät. Igualmente, em meados de 1796, adaptara a sua obra orquestral *As Sete Últimas Palavras de Cristo* (1786) para incluir coro, recorrendo aos serviços do barão *Gottfried van Swieten* (1733-1803), que escreveu um libreto para o efeito. A nova oratória estrearia a 1 de abril de 1798, num concerto patrocinado pelo grémio de melómanos aristocratas fundado por van Swieten em 1786, a Gesellschaft der Associierten Cavaliers. Terá sido neste contexto que Haydn pediu a van Swieten que traduzisse para alemão o libreto recebido em Londres. Pressentindo que o libreto não se adequava à *praxis musical* do momento, van Swieten não só o traduziu como fez diversos cortes e adaptações. Contudo, Haydn, antevendo a possibilidade de concertos da futura oratória em Londres fez questão de que o novo libreto fosse igualmente em inglês, o que acabou por causar alguns dissabores, visto van Swieten não ser fluente no idioma.

Die Schöpfung (A Criação) foi composta entre outubro de 1796 e abril de 1798, um período de gestação particularmente longo para os padrões de Haydn, que em carta confidenciava “todos os dias ajoelhava-me e pedia a Deus que me desse a força para terminar a obra com sucesso [...] espero que permaneça por muito tempo”. A primeira audição ocorreria em Viena, a 30 de abril de 1798, num concerto privado no palácio do príncipe Karl Philipp zu Schwarzenber (1771-1820), o principal mecenas da Gesellschaft der Associierten Cavaliers, que assumira os custos da composição e interpretação da nova oratória. Haydn dirigiu o coro e a orquestra, que incluía Antonio Salieri

(1750-1825) ao pianoforte, e os solistas foram o soprano Christine Gerardi, o tenor Mathias Rathmayer e o baixo Ignaz Saal. Apesar dos receios do compositor, “Num momento sentia-me frio como o gelo, noutra parecia consumido pelas chamas; mais de uma vez temi que fosse acometido por um ataque”, o sucesso foi estrondoso, assim como a estreia pública, a 19 de março de 1799, no Burgtheater de Viena, numa sala esgotada, que ovacionou o compositor várias vezes. Ainda nesse ano, com a anuência de Haydn, começou a circular uma edição impressa da obra, em alemão, para vozes e piano. A publicação oficial chegaria em 1800, em versão bilingue, sendo um sucesso de vendas. Por fim, a 28 de março desse ano, *A Criação* seria estreada em Londres, no Convent Garden, na sua versão em inglês.

A Criação está dividida em três partes. A Parte I ocupa-se dos primeiros quatro dias da criação do Mundo: o surgimento da luz, da terra e do mar, dos corpos celestes e da vida vegetal. A Parte II corresponde ao quinto e sexto dias: a criação da vida animal, os peixes, as aves, os animais terrestres e o homem e a mulher. O sétimo, e último dia, é representado na Parte III, com Adão (baixo) e Eva (soprano) contemplando a sua existência milagrosa e as delícias do Jardim do Paraíso.

Do ponto de vista da estrutura musical, cada um dos dias está organizado de forma similar. Inicia-se com um recitativo de um dos arcanjos, Gabriel (soprano), Uriel (tenor) e Rafael (baixo), que narra a história da criação, parafraseando o 1.º livro da Bíblia, o *Livro do Génesis*,

geralmente introduzido pela fórmula “E Deus disse”. Segue-se uma descrição, ou comentário, de pendor poético, em forma de recitativo acompanhado, ou ária, baseado no poema épico *Paraíso Perdido* (1667) do inglês John Milton (1608-1674), concluindo com um coro, os anjos glorificando a obra Divina, com versos retirados do 23.º livro da Bíblia, o *Livro dos Salmos* (concretamente os salmos 19 e 104).

Ao invés de uma abertura canónica, Haydn enuncia *A Representação do Caos*, o *nada* do qual Deus criou o Mundo. Impressões sonoras sucedem-se de forma abrupta, harmonias ambíguas, cromatismos pungentes, retratam magistralmente o universo “sem forma e vazio” descrito por Rafael no recitativo inicial. A criação da luz irrompe a atmosfera desoladora, na primeira intervenção coral *And the spirit of God (“E o espírito de Deus”)*. Conta-nos Fredrik Silverstolpe (1769-1851) que no dia da estreia pública, “no momento em que a luz explodiu pela primeira vez, poder-se-ia dizer que raios disparavam dos olhos flamejantes do compositor. O encantamento dos vienenses foi de tal maneira efusivo que a orquestra não pôde continuar por alguns minutos”.

De forma vívida e profundamente eloquente, numa sucessão de recitativos, árias e coros, assistimos ao aparecimento dos ventos, nuvens, fogo, chuva, granizo e neve, o mar agitado, rochas escarpadas e montanhas majestosas, planícies abertas e vales silenciosos através dos quais serpenteiam rios, campos verdejantes cheios de ervas aromáticas, frutos maduros e pomares. Numa das páginas

mais famosas da História da Música, Haydn descreve o primeiro nascer do sol, *In splendour bright* (“Com grande esplendor”), a suave lua e o brilho das estrelas no céu. Ao final do quarto dia, os arcanjos e os anjos proclamam *The heavens are telling the glory of God* (“Exaltam os céus a glória de Deus”).

A veia descritiva de Haydn revela-se, uma vez mais, ao longo da Parte II. Na ária de abertura, *On mighty pens* (“Com penas poderosas”), visualizamos a águia, a cotovia, a pomba arrulhada e as deliciosas notas do rouxinol. No recitativo *At once Earth opens her womb* (“Abre-se o ventre da Terra”), é a vez do leão, do tigre, do veado ágil, dos bucólicos rebanhos de ovelhas, e da minhoca que se esgueira sob o solo. Por fim, o homem habita a terra, *In native worth and honor clad* (“Vestido com o valor e a honra”). Termina a Parte II com um coro celestial, *Fulfilled at last* (“Por fim terminada”) em torno de um elegante trio dos arcanjos.

Após a transcendência da própria criação, chegamos ao sétimo dia, o dia de descanso. Adão e Eva deleitam-se com as maravilhas do Paraíso e do seu amor. A introdução

instrumental, de uma graciosidade idílica, precede o recitativo de Uriel, narrando, de novo, a criação do homem e da mulher, seguido de um dueto com coro, *By the goodness* (“Da sua bondade”), onde são louvadas as belas obras de Deus. No dueto final, *Sweet companion* (“Graciosa esposa”), Haydn introduz um ambiente peculiar, através de uma *écossaise*, dança particularmente em voga em Viena. O arcanjo Uriel regressa para alertar o casal dos perigos que os esperam. Evitando qualquer referência ao Pecado Original, a oratória conclui com um coro triunfante *Sing the Lord* (“Cantem ao Senhor”).

Do caos ao amor, *A Criação* é o epitome da linguagem musical de Haydn, feliz união da tradição das oratórias de Händel com o idioma sinfônico do compositor vienense. Para muitos é a chave de ouro que encerra o Classicismo e preconiza o Romantismo, *inaugurado* pela estreia da sinfonia *Eroica* de Beethoven (1770-1827), em 1804. O desejo do compositor cumpriu-se, *A Criação* permaneceu no tempo como uma das obras maiores da Cultura Ocidental.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia. Na temporada 2023/24, foi anunciada uma futura parceria artística com a Sinfónica de Lahti, com início no outono de 2025. A temporada 2024/25 inclui a estreia no Festival de Bergenz, bem como regressos à Sinfónica de Chicago, à Sinfónica da BBC, à Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Filarmónica de Londres, à Sinfónica de St. Louis e à Sinfónica do Oregon. Nos últimos anos dirigiu, entre outras orquestras, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, e solistas como Gil Shaham, Kirill Gerstein, Daniil Trifonov ou Sergei Babayan. Dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Louise Alder

Cantora de grande talento e versatilidade, a britânica Louise Alder apresenta-se nos principais palcos de ópera e de concerto a nível internacional. Na temporada 2024/25 estreia-se nos papéis de Donna Anna (*Don Giovanni*), na Ópera Estadual de Viena, Micaëla (*Carmen*), na Ópera de São Francisco, e Condessa Almaviva (*As bodas de Figaro*), em Glyndebourne. Em concerto, para além de *A Criação* de Haydn, na Fundação Gulbenkian, interpreta *Vier Lieder* op. 27, de R. Strauss, com a Sinfónica da Rádio Finlandesa, e Árias de Mozart, no Teatro Real Dinamarquês. As obras de Händel têm também um peso significativo, incluindo o *Messias*, com a Academy of Ancient Music, *Alexander's Feast*, em Salzburgo, *L'Allegro, il Penseroso ed il Moderato*, no Festival Händel de Londres, e uma digressão de *Giulio Cesare*, com The English Concert. Em recital, junta-se ao tenor Mauro Peter e ao pianista Joseph Middleton para interpretar o *Italianisches Liederbuch* de Wolf, em Leeds, Londres (Wigmore Hall), Viena (Musikverein) e na Ópera de Frankfurt.

A sua extensa discografia inclui: *Chère Nuit: French Songs*, canções de Ravel a Yvain; *The Russian Connection*, canções de Rachmaninov, Sibelius, Tchaikovsky, Grieg, Medtner e Britten; *Through Life and Love*, canções de R. Strauss, com Joseph Middleton; o papel principal em *Theodora* (Arcangelo); Lucia, em *The Rape of Lucretia* (Glyndebourne); e o papel principal em *Semele* de Händel (Monteverdi Choir).

Louise Alder integrou a companhia da Ópera de Frankfurt e estudou no Royal College of Music, onde foi a primeira bolseira Kiri Te Kanawa. Venceu o Prémio Jovem Cantora nos International Opera Awards (2017), o Prémio do Público Dame Joan Sutherland no concurso Cardiff Singer of the World (2017), o concurso Young British Soloists (2015), e recebeu o Prémio John Christie, em Glyndebourne, em 2014.

Nicholas Phan

O norte-americano Nicholas Phan domina um repertório muito diversificado que interpreta regularmente com importante orquestras e companhias de ópera a nível internacional. Apresenta-se também regularmente em contexto de música de câmara e em recital. É cofundador do Collaborative Arts Institute of Chicago (CAIC), uma organização dedicada à promoção do repertório da canção de câmara. A temporada 2024/25 inclui estreias mundiais de dois novos ciclos de canções de Viet Cuong, com os agrupamentos de Les Délices e River Oaks Chamber Orchestra. Outros destaques incluem uma digressão de *Les Illuminations* de Britten, com a East Coast Chamber Orchestra, recitais para a San Francisco Performances, o Great Lakes Chamber Music Festival e a Chamber Music Society of Palm Beach, bem como novas colaborações com a Filarmónica de Hong-Kong, a Sinfónica de Seattle, a Handel & Haydn Society e a Pacific Symphony. A mais recente gravação de Nicholas Phan, intitulada *A Change Is Gonna Come*, foi lançada em maio de 2024. O seu álbum *Stranger: Works for Tenor by Nico Muhly*, foi nomeado para um *Grammy* em 2022, na categoria de “Melhor Álbum Vocal Clássico a Solo”. As gravações anteriores, *Clairières* e *Gods and Monsters*, foram nomeadas para o mesmo prémio em 2020 e 2017. No âmbito da curadoria e da programação, Nicholas Phan é diretor artístico do CAIC, anfitrião e criador do projeto web *BACH 52*, focado na música de J. S. Bach, autor de programas para a rádio e colaborador da Philadelphia Chamber Music Society, do Bravo! Vail Music Festival, da Merola Opera e da San Francisco Performances. Os seus programas abordam, muitas vezes, temas de identidade, destacando vozes injustamente sub-representadas na história e esforçando-se por sublinhar a relevância da música de todos os períodos para as correntes dos nossos dias.

Robert Gleadow

Desde a sua formação no Jette Parker Young Artists Programme da Royal Opera House – Covent Garden e no Canadian Opera Company Ensemble Studio, o canadiano Robert Gleadow tem deixado a sua marca nos palcos de ópera e de concerto internacionais. Em temporadas recentes, cantou o papel principal de *As bodas de Figaro*, de Mozart, com a Filarmónica do Luxemburgo, na Ópera de Lausanne e na Ópera de Versalhes; Talbot, em *Maria Stuarda* de Donizetti, com Joyce DiDonato e o maestro Patrick Summers; Figaro, Guglielmo e Leporello, em récitas da trilogia Mozart / Da Ponte, no Gran Teatre del Liceu de Barcelona e na Ópera de Bordéus. Outros destaques operáticos incluem: apresentações na Ópera de Basileia e na Royal Opera House, no papel principal de *Don Giovanni*; o protagonista de *As bodas de Figaro*, na Ópera de Colónia, no Theater an der Wien, no Palau de les Arts Reina Sofia e na Ópera de Montreal; Leporello, em *Don Giovanni*, no Théâtre des Champs-Élysées e na Deutsche Oper Berlin; e Guglielmo, em *Così fan tutte*, no Festival de Ópera de Glyndebourne. Outros papéis incluem: Angelotti (*Tosca*), na Grande Ópera de Houston; Colline (*La bohème*), na Ópera de Dallas e no Teatro Municipal de Santiago do Chile; Orador (*A flauta mágica*); Theseus, *Sonho de uma Noite de Verão*; e Truffaldino (*Ariadne auf Naxos*). Notáveis atuações em concerto incluem: a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, em Paris, com Natalie Dessay; uma digressão europeia com a Orchestre d'Astrée e o maestro Emmanuelle Haïm; a *Paixão segundo São Mateus* de Bach e a *Missa em Dó menor* de Mozart, com a Hallé Orchestra e Mark Elder; o *Requiem* de Mozart, com o Ensemble Mattheus e com a Sinfónica de Baltimore; e uma apresentação na gala de inauguração da nova sala do Royal Conservatory of Music, em Toronto, no Canadá.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto a *capella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris.

O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence.

A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais.

Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Beatriz Ventura
Carina Matias Ferreira
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Inês Rasquinho
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Sara Afonso
Sofia David
Susana Duarte
Teresa Duarte

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Pereira Coutinho
Elsa Gomes
Estrela Martinho
Joana Esteves
Joana Nascimento
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Manon Marques
Markéta Chumová
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Patrícia Manso
Rita Tavares

TENORES

Alberto Vilas Boas
Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Gustavo Paixão
Jaime Bacharel
João Coutinho
João Custódio
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda

BAIXOS

Afonso Moreira
Filipe Leal
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Costa
João Luís Ferreira
João Silva
José Bruto da Costa
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalo

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwal 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Marine Triolet 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Rui Matos 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Diogo Andrade 2º SOLISTA*

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

PIANOFORTE

Miguel Jalôto 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

28 fevereiro

SEXTA, 19:00

7.º de Bruckner

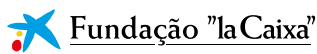
Livestream gratuito



**GULBENKIAN
MÚSICA**

**Orquestra
Gulbenkian
Lawrence Renes**

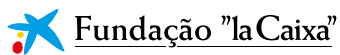
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

